

O PRIMEIRO DIA  
DE INVERNO

## O primeiro dia de inverno

© Marcia Kupstas, 2015

**Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica** Mário Ghio Júnior

**Diretoria editorial** Lidiane Vivaldini Olo

**Gerência editorial** Paulo Nascimento Verano

**Edição** Fabiane Zorn

### Arte

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.) e Thatiana Kalaes (assist.)

**Projeto gráfico** Elisa von Randow

**Lettering** Amanda Grazini

### Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.), Gabriela Macedo de Andrade e Brenda Morais (estag.)

### Iconografia

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**Crédito das imagens** p. 90 e 91: acervo pessoal; demais fotos: Renato Parada

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K98p

Kupstas, Marcia, 1957-

O primeiro dia de inverno / Marcia Kupstas; ilustração Amanda

Grazini. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2015.

96 p.: il. (Marcia Kupstas)

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-08-17298-6

1. Amizade - Ficção infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Grazini, Amanda. II. Título. III. Série.

15-22137

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 738781

CAE 545501

2017

1ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:



**editora ática**

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

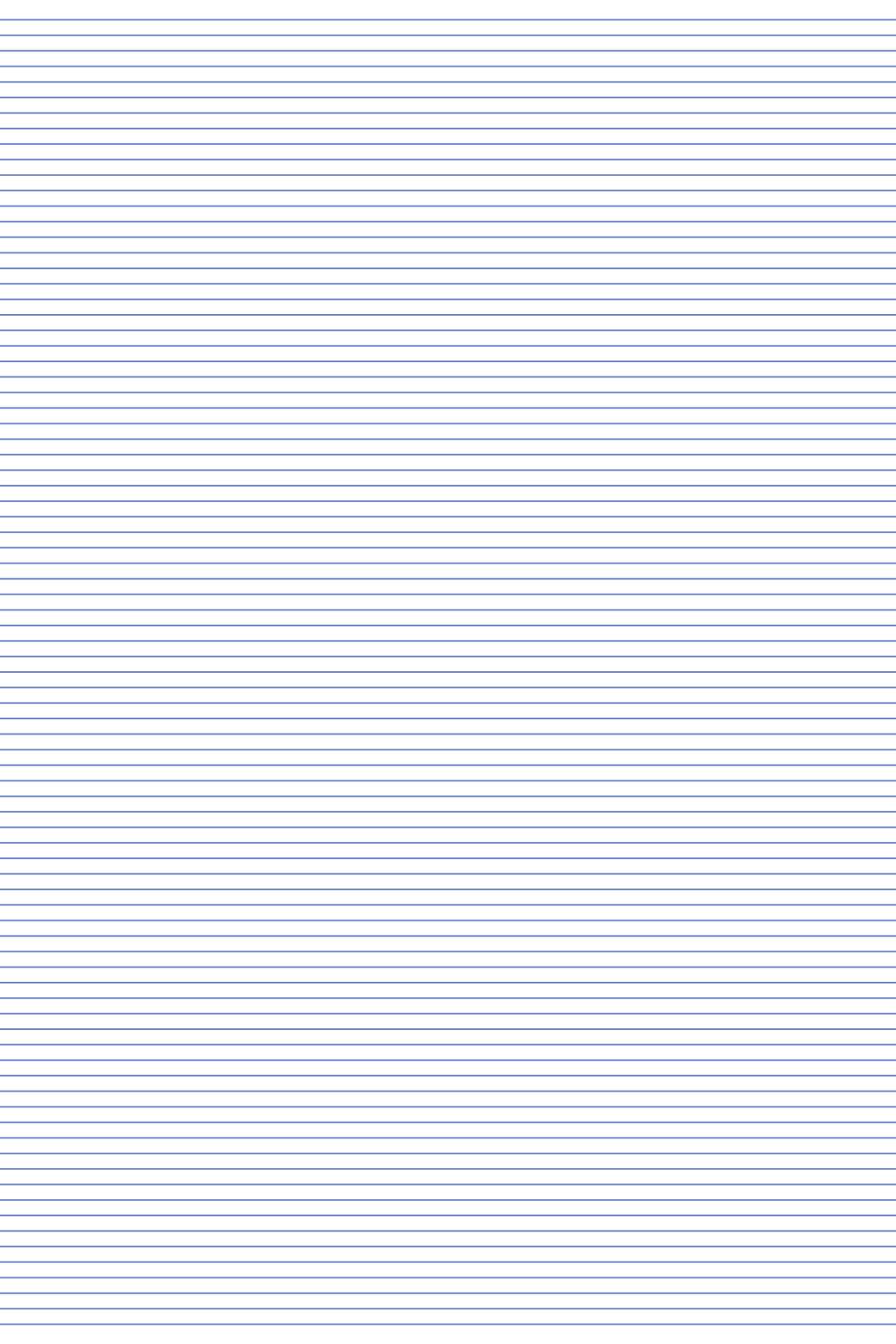
**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# MARCIA KUPSTAS

O PRIMEIRO DIA  
DE INVERNO

Ilustrações de Amanda Grazini



DESDE CRIANÇA EU QUERIA SER ESCRITORA. A consciência desse desejo veio muito cedo e, para minha surpresa, não era comum nas outras pessoas. Pouca gente sabia (ou sabe!) o que quer “ser quando crescer”. Quando escrevi *O primeiro dia de inverno*, resolvi colocar em Jurandir essa vocação precoce de ser piloto de aviões.

A autodescoberta o fascina. Mas o que descobre a seguir não é um sentimento positivo nem o deixa orgulhoso. Amargamente, Jurandir constata em si o feio sentimento da inveja, quando Cleiton, novato na classe, divide as atenções de colegas e professores e “rouba” um papel que sempre foi dele.

Quando surge a oportunidade, Jurandir resolve se vingar. É o seu “primeiro dia de inverno”, uma metáfora da descoberta dos piores impulsos. Resta a questão: ele vai mesmo concretizar a vingança mesquinha?

Nessa história, porém, quis investir na esperança. Se Jurandir vai ou não se tornar amigo do Cleiton, isto não importa. Acredito firmemente que as pessoas podem mudar, ao enfrentarem seus preconceitos e temores.

Esta é a grande lição de *O primeiro dia de inverno*: a autodescoberta e a convivência respeitosa entre pessoas que podem ser bem diferentes.

Um abraço,  
**Marcia Kupstas**





## SUMÁRIO

---

1. A descoberta	9
2. Como a internet chegou no Zebedão	16
3. Primeiras navegações	25
4. Rivais	30
5. Conhecer o inimigo	39
6. Churrasco	46
7. Outras navegações	55
8. A visita	60
9. Cobras e lagartos	70
10. Visita noturna	75
11. Inverno fora de hora	80
Os sonhos de Marcia Kupstas	89



# 1. A DESCOBERTA

QUANDO JURANDIR TINHA ACABADO de fazer 11 anos, descobriu duas coisas muito importantes sobre si mesmo: seu grande amor na vida e um *outro* sentimento... que por muito tempo não conseguiu nomear nem entender.

As duas descobertas aconteceram na primeira semana de aula. Não envolveram garotas — embora elas povoassem suas ideias e despertassem sua curiosidade. Nem foram totalmente ligadas à escola, ou ao fato de ele ter terminado o quinto ano — gostava sim de estudar, mas novas matérias não faziam parte do desafio de ser bom aluno? Nem foram sentimentos ligados aos amigos — que ele fazia em qualquer lugar, bom de papo que era. Nem foi coisa envolvendo futebol, filmes, empinar pipa com o pai ou jogar cartas com o irmão. Gostava de tudo isso, claro...

Mas *paixão* é outra coisa.

Jurandir estava no sexto ano, numa classe em que a maioria dos colegas se conhecia desde o primeiro. Mesmo assim estavam convidados a participar da Semana-Gincana, que era como a escola recebia alunos novos, promovendo uma primeira semana de aula, sem aula. O uso de uniforme não era obrigatório e os alunos podiam trazer jogos, etc.

No primeiro dia, todos os professores foram apresentados às turmas, e Bernardete, a professora de Português, foi indicada a “anfitriã” do sexto C. Ela passaria a semana com eles, antes do calendário regularizar-se, na semana seguinte, com aulas de 45 minutos para cada matéria.

Bernardete era morena e muito jovem. Quando sorria, formavam-se covinhas nas bochechas, e ela ria constantemente. Deu boas-vindas aos assustados três alunos novos e aos 29 antigos e explicou o que planejara para o dia seguinte: além da liberação do uniforme e do passe livre para a descontração, ela pediu que seus alunos trouxessem também objetos e coisas sobre a profissão que eles gostariam de ter no futuro. Ela os convidou a exhibir seus planos, seus desejos — e combinou que eles os dividiriam com os colegas...



Terça-feira, já na chegada, a surpresa foi ver todo mundo com roupa comum, as mochilas estufadas de brinquedos e caixas, uma algazarra de vozes e cores. O coração de muitos meninos bateu mais forte quando Anita apareceu de minissaia e batom, o longo cabelo negro mais brilhante que nos dias comuns. Muitos garotos usavam bonés de times de futebol ou tênis incrementados. E quando Bernardete apareceu, cabelos úmidos esticados num rabo de cavalo, e sorriu para todos, muitos deles acreditaram que seria fácil, bem fácil, apaixonar-se por uma professora como ela...

Bernardete circulou pelas carteiras, acompanhou o jogo de memória que Betinha fazia com suas amigas, torceu pelo Chico no jogo de bafo — chegou mesmo a participar, ganhando três figurinhas do Pedroca —, viu as revistas em quadrinhos e elogiou as canetas enfeitadas, os acessórios de beleza... Depois de uma hora mais ou menos, pediu silêncio e perguntou sobre o futuro.

Sobre as coisas que eles haviam trazido, sobre o que eles pretendiam ser. Falou sorridente sobre a importância dos sonhos, de “ser livre e voar”.

Parece, porém, que seus alunos pouco entendiam de asas. Jogos, brincadeiras, roupas diferentes... isso sim os animava, e disso eles entendiam. Mas o futuro?... Como assim, futuro?

Devagar, Anita falou do desejo de ser “ou cantora ou bailarina ou professora”. Pedroca contou sobre a profissão do pai dele, sobre o que fazia um mecânico de automóveis (quem sabe ele ajudaria o pai na oficina quando fosse maior?). E só. O resto da turma pareceu embaraçado, em silêncio. Um olhando pra cara do outro...

Foi quando Jurandir levantou o braço, pedindo a vez de falar. E falou. Abriu a mochila e mostrou o que havia trazido: livros e livros sobre aviação civil e militar, aviões de espionagem e caças da Segunda Guerra Mundial. Além disso, também tinha aeromodelos que ele havia montado sozinho, cards de aviões a jato e até revistas de companhias aéreas... Disse que queria ser piloto e explicou direitinho a diferença entre aviação comercial e militar. Mostrou fotos de um jato que superava a barreira do som — e teve também que explicar o que era *barreira do som* (isso nem Bernardete sabia direito, mas prometeu que ia pedir ajuda ao professor de Ciências, o Mário, pra entender.)

Aos poucos, a carteira do Jurandir foi sendo rodeada pelos alunos. Todos, e não apenas a professora, faziam perguntas interessantes: os cards dele eram revirados, os aeromodelos “voavam” nas mãos dos meninos, surgiam comentários de todo lado...

Foi nesse momento, cercado por olhos espantados, dando respostas fáceis e captando a admiração alheia, que Jurandir percebeu como os colegas sabiam pouco de seu próprio futuro — tão ao contrário dele e de sua certeza! O garoto percebeu sim, mais do que nunca, a sua paixão. Se era uma questão de pensar no futuro e sonhar com ele, Jurandir teve absoluta certeza de que aviões fariam parte desse futuro. Ele descobriu, ou melhor, ele